

QUANDO E COMO VIMOS GRAÇA ARANHA

Altino Flores

Em janeiro de 1924, esteve Graça Aranha em Florianópolis. Ignoramos o motivo de sua viagem à capital catarinense. Governava o Estado o Dr. Hercílio Luz, cujo filho Alfredo (que infastemente acabou num sanatório carioca em abril de 1944). Fora diplomata como Graça Aranha, não sendo, portanto, impossível tenha vindo o autor de *Canaã* a Santa Catarina a convite do Governo Estatal, por sugestão do filho do Governador.

Ao termos conhecimento da estada do afamado escritor entre nós, Othon d'Eça e eu, ao mesmo tempo acicatados pela curiosidade e sofreados pela timidez, resolvemos afinal visitá-lo no velho hotel assobradado em que se hospedara, na Praça Quinze de Novembro, no local onde hoje fica a Agência do "Banco Comércio e Indústria de Minas Gerais".

Encontramo-lo sentado em uma cadeira de balanço, junto à sacada que dava para o jardim fronteiriço. Tinha uma coberta de lã sobre as pernas, apesar da quentíssima tarde janeirinha. A sua face era pálida, mas o olhar vividamente límpido, a palavra acolhedora e entusiástica.

Nós sabíamos da sua arrojada participação na superaplaudida e ultrapateada "Semana da Arte Moderna", de 1922, em São Paulo, entre cujos promotores fora acolhido, por alguns com sincero agrado e desvaneimentos, por outros com desconfiança e, mesmo, indifarçável antipatia. Embora provincianos, não ignorávamos os ecos desses rumores provindos dos desvairamentos da Paulicéia; mas, por discrição, combinamos não aludir a eles na palestra com o discutidíssimo homem de letras; no entanto, foi ele quem se referiu àquele fragoroso sismo cultural, proclamando-o oportuno, necessário, corajoso, triunfante. E indagou de como iam as letras em Santa Catarina. Modestamente, tentamos explicar-lhe como iam as coisas... Não havia casa editora... Às vezes aparecia uma revistinha. Só nos valíamos das colunas dos jornais. A essa altura, pediu licença para dizer que, se os jornais de que falávamos eram os que ele via no salão do hotel, estávamos mal servidos. Declarou que, na véspera,

havia estado na Biblioteca Pública, considerando-a de nível deploravelmente baixo, sem fichários modernos e prestantes, não tendo encontrado ali sequer um livro de Cruz e Souza. E frisou caloroso: — Sim, senhores! Nada de Cruz e Souza, filho da terra, e do qual o Brasil deve orgulhar-se!

Tivemos de engolir as duas verdades, sem tugir nem mugir. Creio que a Biblioteca já tem hoje o seu Cruz e Souza. Todavia, se Graça Aranha ressuscitasse e lá fosse procurá-lo, em dia de mau tempo, teria de entrar de guarda-chuva aberto, capa impermeável e galochas, porque, presentemente, segundo dizem, chove lá dentro um pouquinho mais do que na rua...

Conversando, era Graça Aranha um espontâneo e faiscante suscitador de idéias, aliás, nem sempre nítidas e valedias quando, a revezes, lhes queria imprimir alcance filosófico, deixando-nos in albis...

Lembro-me de que Othon d'Eça lhe perguntou se o romance *Canaã* era, como havia escrito alguém, um "romance simbolista". A inesperada pergunta fez-me evocar *Giovannina*, de Afonso Celso, publicado em fins do século passado. Este fora expressamente declarado pelo seu autor um romance "simbolista"; mas todos os experts estão acordes em afirmar que, do ponto de vista do Simbolismo, não passou de malograda tentativa estética. Não posso recordar e reproduzir integralmente a resposta de Graça Aranha, que foi longa e recheada de termos de sentido filosófico, tais como signo, sinal, significação, criatividade, subjetivismo, símbolos extrínsecos, símbolos intrínsecos e não sei que mais, concluindo por dizer que, "segundo aquele pressuposto" (?) podia-se considerar *Canaã* um romance "simbolista", se bem que ele ao escrevê-lo, não pensara em amoldá-lo a nenhuma "escola" definida.

Falou-se também de literatura francesa, da qual ousadamente me confessei grande admirador, trocando-se referências elogiosas ou restrições críticas a certos escritores antigos ou modernos. Quanto a estes, demonstrava Graça Aranha ilimitada admiração. Perguntou-me se eu conhecia alguma coisa de Pierre Mac Orlan; ante a minha resposta negativa, disse: — Pois vou dar-lhe um livrinho dele.

Afastou a manta de lã que lhe cobria as pernas, ergueu-se e foi ao seu quarto, donde voltou com uma brochurinha de capa amarela: *La Bête Conquérante*, edição de 1920 da "Librairie Stock", de Paris e em cujo ante-rosto pusera ele a seguinte dedicatória: A Altino Flores, pela arte moderna, com muita esperança. GRAÇA ARANHA. Florianópolis 26 de janeiro 1924.

Não é a interessante e original novelinha uma obra-prima; porém, com a sua maneira irônica, mordente, faz-nos lembrar o espírito de Voltaire. Mandei encaderná-la em inteiriça capa de couro e até hoje (passa-

dos quase cinqüenta anos!) em minha livraria carinhosamente a conservo. Há pouco tempo, o Professor Celestino Sachet, operoso Reitor da UDESC, teve oportunidade de folheá-la, em minha casa.

Estávamos em janeiro de 1924. A 19 de junho, pronunciaria Graça Aranha a celeberrima conferência sobre *O Espírito Moderno*, na Academia Brasileira de Letras, da qual, finalmente, se desligaria, por carta dirigida, em 18 de outubro do mesmo ano, ao respectivo Presidente, usando estas incisivas expressões: “A Academia quer persistir na sua posição eclética e antiquada, nefasta à literatura brasileira. Recusa-se a tornar-se um organismo útil e ativo, um fator do moderno sentimento nacional, seu representante, seu guia. A Academia Brasileira morreu para mim, como também não existe para o pensamento e para a vida atual do Brasil.”

A História tem, às vezes, irônicas surpresas. Pelo “morra a Academia!”, proferido às barbas dos seus confrades, na revolucionária conferência sobre *O Espírito Moderno*, foi Graça Aranha, ao terminar carregado triunfalmente aos ombros dos “modernistas” adrede arregimentados para ouvir o estouro da bomba. Muitos anos, porém, não se haviam escondido, e já alguns dos seus mais fogosos aplaudidores faziam tudo quanto deles se exigisse para conseguirem alojar-se no bojo do Cadáver impudresco. E lá finalmente entraram, — fardados, bordados, agaloados, de espada à cinta e bicorne de almirante de opereta, — embolsando o velho jeton em moderníssimos cruzeiros.